



resenhas

ECO-PÓS 2004

Uma leitura do discurso telejornalístico

Carlos Moreno

Na quarta capa de *A linguagem do telejornal*, Aluizio R. Trinta, doutor em Comunicação em Cultura, professor da ECO/UFRJ e orientador da tese de doutorado que deu origem ao livro de Beatriz Becker, revela a singularidade de seu tema: “o ritual cotidiano instaurado por toda emissão telejornalística se afigura imponente cerimônia midial, destacando-se tanto pela proposição de significados, a serem validados em meio social, quanto pela construção de sentidos, pelos quais passe a orientar-se a experiência cultural coletiva”.

O trabalho de Becker apresenta justamente uma metodologia para ler os noticiários televisivos. A partir da assunção das enunciações destes como processos de comunicação, há por parte da autora a sugestão de que tais emissões podem tanto produzir sentidos de reforço ao sistema e a manutenção de valores hegemônicos, quanto gerar alguma dimensão transformadora na percepção da realidade social, especialmente por meio das informações nas coberturas jornalísticas de grandes acontecimentos.

Também no discurso do telejornalismo, os sentidos seriam propriamente construídos nas negociações e disputas de interesse e poder entre emissão e recepção. E para a leitura de tais relações, ou seja, para o estudo das interações, seria inevitavelmente exigido do pesquisador um primeiro passo: a investigação de dois campos discursivos distintos, o da produção e o da emissão.

Mas se o caminho da leitura pode ser claramente indicado, o exercício de análise prossegue complexo, inantecipável. Talvez seja nesse sentido que Beatriz Becker, à página 43 de seu livro, evoca o Michel Foucault de *A ordem do discurso*:

Um princípio de *especificidade*: não transformar o discurso em um jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo nos apresenta apenas uma face legível que teríamos de decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor. Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso

BECKER,
Beatriz.

*A linguagem
do telejornal:
um estudo da
cobertura dos
500 anos do
Descobrimento
do Brasil.*

2. ed.

Rio de Janeiro:

E-Papers,

2005.

encontram o princípio de sua regularidade. (Foucault, M. *Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 53.)

Foucault aborda ainda a paradoxal *logofobia* da civilização ocidental: a produção do discurso é controlada, organizada, selecionada e redistribuída por alguns procedimentos. Ou seja, aquilo que pode ser dito é regulado por uma ordem do discurso. Idéia certamente adequada à consideração do discurso do telejornalismo. Organizado pelas técnicas de codificação em jornalismo, regulado pelo código de ética dos jornalistas profissionais e, sobretudo, controlado, na experiência cotidiana, pelos constrangimentos organizacionais e pelas rotinas produtivas.

Para não falar do espaço insignificante que o jornalismo ocupa na programação televisiva, mesmo quando cobre grandes acontecimentos, como os 500 anos do Descobrimento do Brasil, caso estudado por Becker, situação que é provavelmente agravada pela crescente indistinção por parte dos emissores, especialmente no telejornalismo, entre os conceitos de informação e entretenimento. Ou seja, o formato pode ser telejornalístico, mas o conteúdo transmitido não é de utilidade pública e sim um tipo de passatempo ou de contemplação evasiva. Volta-se aí inevitavelmente ao debate sobre a espetacularização da notícia, ao problema da dramatização do relato, que muitas vezes compromete a qualidade da prestação do serviço de informação. E no telejornalismo igualmente há o problema da transformação de certos repórteres em celebridades, o que acompanha o espírito do tempo, mas prejudica ainda mais a transmissão profissional da informação ao grande público.

As dificuldades relacionadas anteriormente decerto condicionam a ordem do discurso do telejornalismo no Brasil. Além de procedimentos de controle compartilhados com países do capitalismo central, como a lógica neoliberal, a globalização tecnológica e a mentalidade hiperconsumista, ainda há condicionantes locais, como a concentração de renda, a indústria do crime e uma grande desigualdade em termos de concorrência entre as empresas do mercado televisivo. Esses e outros elementos têm de ser lidos na análise do discurso do telejornalístico, porque é na sua convergência que ele se constitui.

Contudo, talvez valha destacar o que há de mais evidente: apesar das regulações, o discurso emerge. Como conclui Beatriz Becker, a leitura que ela apresenta em *A linguagem do telejornal* também poderá vir a produzir “sentidos de reforço ao sistema e a manutenção dos valores e representações hegemônicos, ou assumirá alguma dimensão transformativa na percepção da realidade social e

das identidades brasileiras e do desempenho dos meios de comunicação na atualidade” (p. 154). Como se indicasse que muito depende do investimento a ser feito por pesquisadores, profissionais, empresas, Estado e público. Afinal, a TV e os telejornais seriam responsabilidade de todos os membros de uma sociedade.

CARLOS A. DE C. MORENO é professor adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.